PLATÃO

Diálogos

Tradução de Carlos Alberto Nunes



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Laquete

(Ou *da Coragem* — Gênero maiêutico)

Personagens:

LISÍMACO / MELÉSIAS / NÍCIAS / LAQUETE / UM FILHO DE LISÍMACO E UM DE MELÉSIAS / SÓCRATES

I

St. II Nícias e Laquete, assististes à exibição dêsse homem que
178 a se bateu inteiramente armado. O motivo de eu e Melésias
aqui presente vos têrmos pedido que viésseis a tal espetáculo,
não vo-lo declaramos então; agora, porém, vamos dizer-vos
qual tenha sido, por estarmos certos de que podemos usar
de franqueza convosco. Muita gente zomba dessas práticas,
b e, quando alguém lhes pede a opinião, nunca dizem o que
sentem, mas, procurando adivinhar o pensamento do interlocutor,
falam sempre coisa diferente do que pensam. Como,
porém, vos temos na conta de bons juízes e de pessoas sinceras,
chamamo-vos para nos aconselhardes sôbre o assunto
que passamos a expor. Êste longo preâmbulo servirá de intro-
179 a dução ao seguinte: Os rapazes aqui presentes são nossos filhos;
aquêle é de Melésias, e se chama Tucídides, como o avô; o
outro é meu, e recebeu também o nome do avô paterno;
chama-se Aristides. Ora, nós dois decidimos cuidar com o
maior carinho possível de sua educação, e em vez de procedermos
como a maioria dos pais, que deixam os filhos viver
como bem entendem, depois de atingirem a adolescência,
b resolvemos começar desde agora e fazer por êles o que estiver
em nossas possibilidades. Como sabemos que também
tendes filhos, imaginamos que, mais do que a ninguém, vos
preocupa o problema da educação dos jovens, para que êles
venham a aproveitar bastante. E se, porventura, ainda não
volvestes a atenção para êsse assunto com a insistência que
êle requer, damos-vos o conselho de não o adiardes por mais
tempo e vos convidamos a compartilhar nossos cuidados,
com relação ao problema da educação dos filhos.

II

Precisareis ouvir, Nícias e Laquete, os motivos dessa reso-
lução, embora com o risco de nos tornarmos um tanto pro-
lixos. Eu e o nosso Melésias temos a mesa em comum; nossos
c filhos comem conosco. Como disse no comêço, vamos usar
de franqueza. Costumamos conversar com os rapazes a res-
peito dos grandes e numerosos feitos de nossos pais, assim
na paz como na guerra, tanto na administração da cidade
como quando se achavam à frente dos nossos aliados. Mas
a respeito de nós mesmos, nenhum pode contar nada, o que
nos faz sentirmo-nos diminuídos diante dos filhos e nos leva a
d culpar nossos pais, por nos terem permitido viver apenas em
divertimentos, desde que atingimos a adolescência, enquanto
êles se ocupavam com os negócios dos outros. É o exemplo que
não cessamos de apontar aos rapazes, fazendo-lhes ver que,
se se descuidarem de si próprios e não nos obedecerem, vive-
rão sem fama alguma; porém se se esforçarem nesse ponto,
tornar-se-ão, talvez, dignos do nome que têm. Êles prometem
obedecer-nos; agora, todo o nosso empenho consiste em saber
o que êles precisam aprender e em que devem exercitar-se,
e para virem a ser homens de verdade. Alguém nos recomen-
dou a hoplomaquia como muito indicada para os moços, e
fêz o elogio do indivíduo cuja exibição acabastes de presen-
cear, exortando-nos a vir vê-lo. Fomos, porém, de parecer
que não importava apenas vê-lo, mas também trazer-vos em
nossa companhia, para que assistísseis ao espetáculo e, depois,
180 a se estivésseis de acôrdo, nos reunirmos para deliberar juntos
sôbre a educação de nossos filhos. É sôbre isso que deseja-
mos conversar convosco. Compete-vos, agora, manifestardes-
vos a respeito dessa disciplina, se achais que deve ou não
deve ser aprendida, ou sôbre qualquer outra, no caso de
conhecerdes disciplina ou ciência mais indicada para os
moços e nosso conhecimento o justificar, comunicardes-nos
o que faríeis no presente caso.

III

Nícias — No que me diz respeito, Lisímaco e Melésias, não
sòmente aplaudo vossa maneira de pensar, como declaro-me
disposto a estudar convosco o assunto, acreditando que o
mesmo se dê com Laquete, aqui presente.
b *Laquete* — Sem dúvida, Nícias, parece-me muito certo
tudo o que Lisímaco acabou de dizer a respeito do seu pai
e do de Melésias, o que não se aplica apenas a êles dois,

mas também a nós e a quantos nos ocupamos com o govêrno
da cidade. Com quase todos acontece o mesmo a que êle se
referiu, tanto com relação à educação dos filhos como com
os assuntos particulares, que ficam negligenciados e relega-
dos para um plano secundário. Falaste a pura verdade, Lisí-
c maco; mas admira-me que recorras a nós para te aconse-
lharmos no que entende com a educação dos rapazes e não
tenhas tomado idêntica resolução com respeito a Sócrates,
aqui presente, à uma, por ser êle do mesmo burgo que tu;
à outra, por passar todo o tempo em locais em que são deba-
tidas, precisamente, as questões que procuras resolver: o es-
tudo ou a ocupação mais indicada para os moços.

Lisímaco — Que me dizes, Laquete? Sócrates se preocupa com êsses problemas?

Laquete — Sem dúvida, Lisímaco.

Nícias — Eu, também, posso dar testemunho disso, tão bom
d como o de Laquete; não faz muito tempo êle arranjou para
meu filho um professor de música, Damão, aluno de Agá-
tocles, pessoa de alto merecimento não só como músico como
em tudo o mais em que quiserdes empregá-lo, na qualidade
de companheiro indicado para moços da idade dêstes.

IV

Lisímaco — A verdade, Sócrates, e também Nícias e La-
quete, é que os velhos, como eu, não conhecem os moços,
porque, em virtude de nossa idade, passamos quase todo o
e tempo em casa. Porém se estiveres, filho de Sofronisco, em
condições de dar algum conselho aproveitável a um dos teus
companheiros de burgo, não mo recuses; assiste-me, mesmo,
o direito de pedir-te isso, por sermos conhecidos desde o
tempo de teu pai, pois eu e êle sempre fomos companheiros
e amigos, havendo êle falecido sem que nunca houvesse sur-
gido entre nós a menor divergência. Agora mesmo, ao ser
mencionado o teu nome, me ocorre à memória o que tenho
ouvido os rapazes dizer, pois em suas conversações diárias
lá em casa, a todo instante êles falam de Sócrates em têr-
mos elogiosos; mas eu nunca lhes perguntei se êles se refe-
181 a riam ao filho de Sofronisco. Meninos, êste é o Sócrates de
que falais com tanta freqüência?

Os dois moços — Sim, pai; é êle mesmo.

Lisímaco — Por Hera, Sócrates, folgo muito de ver que honras o nome de teu pai, o melhor dos homens, e, mais ainda, por verificar que os teus problemas passam a interessar-nos, assim como já te interessam os nossos.

Laquete — Fazes bem, Lisímaco; não despeças o homem,
b pois já o vi alhures honrar tanto o nome do pai, como o
da pátria; fomos companheiros na retirada de Délio, e posso
assegurar-te que, se todos, naquela conjuntura, se tivessem
comportado como êle, nossa cidade teria ficado com honra,
sem nunca ter vindo a sofrer a queda que sofreu.

Lisímaco — É um belo elogio, Sócrates, feito por pessoas
dignas de crédito, particularmente a respeito de ações como
a que êles enaltecem. Assevero-te que me causa grande satis-
fação ouvir exaltarem-te dêsse modo, e que podes contar-me
c entre o número dos que mais te querem bem. Já podias ter-
nos procurado mais vêzes, como amigo de casa, naturalmente.
Mas a partir de hoje, visto nos têrmos encontrado, põe
todo o empenho em aproximar-te de nós e em conhecer-nos
e a nossos filhos, para que venha a continuar com êles nossa
antiga amizade. Estou que farás isso, o que de nossa parte
não deixaremos de lembrar-te. E que pensas da questão
apresentada? Como te parece? Achas aconselhável ou não
para os moços exercitarem-se a lutar completamente armados?

V

d *Sócrates* — Não apenas sôbre êsse assunto, Lisímaco, pro-
curarei aconselhar-te, na medida de minhas fôrças, como
farei tudo o mais que me pedires. Sendo eu, porém, o mais
môço e o menos experiente, parece-me mais acertado ouvir
primeiro o que os outros têm que dizer, para aproveitar-me
dos seus ensinamentos. No caso de poder acrescentar algo
ao que disserem, exporei francamente minha opinião, esfor-
çando-me por convencê-los e a ti da minha maneira de pen-
sar. Nícias, por que não serás o primeiro a manifestar-te?

Nícias — Nada o impede, Sócrates. Acho muito útil para
e os moços a aquisição dêsse conhecimento, pois, além de afas-
tá-los de outras diversões a que de bom grado se entregam
nas horas de lazer, tem êsse exercício a vantagem de deixar
o corpo mais vigoroso; não é inferior a nenhum outro, nem
182 a exige menor esfôrço de quem a êle se dedica. Não há exer-
cício mais aconselhável para um homem livre do que êsse
e a equitação. Nas lutas em que nos distinguimos e que temos,
realmente, de enfrentar, só sobressaem os que têm prática
dos instrumentos de guerra. Ademais, o conhecimento dessa
disciplina lhes será de utilidade nos combates, quando fôr
preciso lutar em fileiras cerradas com muitos outros, sobre-
tudo quando a composição é rompida e se estabelece a luta
singular, ou seja para perseguir o inimigo que se defende,

b ou, no caso de fuga, para defender-se de quem o persegue.
O conhecedor da hoplomaquia nada terá que recear, nem
de um único perseguidor, nem de muitos; em qualquer si-
tuação, contará com vantagens. Demais disso, essa modalidade
de exercício desperta a paixão para outra arte nobre, pois
quem quer que se dedique à hoplomaquia desejará também
aprender a arte afim, da organização das tropas, e, uma vez
aprendida essa parte e inflamado da ambição de glória, pas-
c sará a dedicar-se a tudo o mais que se relaciona com a estra-
tégia. Torna-se mais do que evidente quão honroso e impor-
tante para qualquer pessoa é o conhecimento e a prática
dessas artes correlatas, para as quais serviu de propedêutica
aquela disciplina. A tudo isso acrescentemos outra vanta-
gem não despicienda, a saber, que em qualquer recontro
êsse conhecimento deixará os homens mais valentes e auda-
ciosos que de costume. Não me corro, também, de mencio-
nar outra particularidade, por insignificante que se nos
d afigure, a de conferir aos homens maior garbo, o que, na
ocasião oportuna, faz parecer quem se bate mais formidável
ao adversário, em virtude, justamente, de sua compostura.
Por tudo isso, Lisímaco, como disse, sou de opinião que os
rapazes devem aprender essa arte; aí ficam as razões da minha
maneira de pensar. Se Laquete pensar de outra maneira,
com muito agrado ouvirei sua exposição.

VI

Laquete — Mas, Nícias, é muito arriscado declarar de qual-
quer disciplina que não merece ser estudada; todo conheci-
e mento é considerado vantajoso. É o caso da hoplomaquia:
se fôr, de fato, uma ciência, como pretendem os que a ensi-
nam, e tiver a importância que lhe atribui Nícias, concordo
que precisa ser aprendida. Porém se não fôr ciência, enganan-
do-nos apenas quantos prometem ensiná-la, ou, no caso de
sê-lo, se carecer absolutamente de importância, para que,
então, aprendê-la? O que me leva a manifestar-me dessa
maneira, ao apreciá-la, é estar convencido de que, se ela
tivesse algum valor, não ficaria esquecida dos lacedemônios,
que outra coisa não fazem na vida, senão aprender e prati-
183 a car o que, aprendido e exercitado, lhes confere superiori-
dade na guerra, com relação aos outros povos. E ainda mesmo
que êles não tivessem visto isso, uma coisa os professôres
dessa disciplina não teriam deixado de perceber: que, entre
os helenos, são os lacedemônios os que mais se dedicam a
êsse mister, e que o professor de semelhante disciplina que

entre êles brilhasse, ganharia certamente muito dinheiro
noutras comunidades, tal como se dá com os poetas trágicos
que se distinguem entre nós. Pois, em verdade, todo indiví-
duo que se considera capaz de compor uma tragédia, não
b se põe a percorrer a Ática, de cidade em cidade, para repre-
sentá-la, mas vem diretamente para cá, a fim de exibir-se, o
que é muito natural. Porém com relação aos hoplômacos,
verifico que êles consideram a Lacedemônia um templo
inviolável, em que não põem nem a ponta do pé, prefe-
rindo excursionar pelas cidades vizinhas e exibir-se entre
outros povos, principalmente os que se confessam inferiores
em tudo o que diz respeito à guerra.

VII

c Além do mais, Lisímaco, eu já vi na prática um bom
número dêsses professôres, e sei quanto êles valem. Convém
examinar o problema sob êsse aspecto. Como por uma fata-
lidade, nunca se distinguiu, na guerra, nenhum professor de
hoplomaquia. Enquanto em tôdas as outras profissões se des-
tacam nomes dos que a elas se dedicam, os amadores desta
aqui parece constituírem a única e infeliz exceção. Êsse Este-
d silau que vistes juntamente comigo exibir-se diante de uma
grande multidão e dizer de si mesmo tantas maravilhas, eu
já tive oportunidade de observar noutra parte muito mais
conforme a verdade, e onde, bem contra o seu querer, êle se
revelou o que verdadeiramente era. Havendo o navio em
que êle servia como tripulante acometido de abôrdo certo
barco de carga, combatia êle armado de uma lança-foice,
que tanto diferia das armas comuns como êle dos outros
combatentes. A seu respeito não vamos gastar muitas pala-
vras, mas vale a pena contar o resultado da idéia mirífica
e de pôr uma foice numa haste de lança. Estando êle a lutar,
enroscou-se-lhe a arma no cordame do navio inimigo e nêle
ficou prêsa. Estesilau dava-lhe safanões para desprendê-la,
porém nada conseguia. Os dois barcos deslizavam um pelo
outro; no comêço, êle correu ao longo do navio, segurando
firme a lança; quando, porém, o barco inimigo se afastou
e começou a arrastá-lo, por não se resolver êle a soltar a arma,
184 a deixou-a escorregar aos poucos pela mão, até segurá-la ape-
nas pela extremidade do cabo. Diante de tal situação, os
tripulantes do cargueiro romperam em vaias e gargalhadas,
e só depois que um dêles atirou uma pedra, que veio cair
no convés do navio aos pés de Estesilau, foi que êste soltou

a lança. Os homens da trirreme não se podiam conter de tanto rir, ao verem aquela foice-lança pendurada no cargueiro. É possível que essa arte tenha algum valor, como disse Nícias; porém o que eu vi foi isso.

VIII

b Mas, como declarei no comêço, quer se trate de uma ciên-
cia, ainda que de utilidade muito duvidosa, quer não seja
ela ciência de espécie alguma, porém simples impostura, não
merece que percamos com ela o nosso tempo. No meu modo
de pensar, se fôr pusilânime o pretenso conhecedor da hoplo-
maquia, arrogantíssimo se tornará por êsse fato, vindo a re-
velar-se, por fim, com maior evidência sua verdadeira natu-
reza; se fôr valente de verdade, ficará sob a observação de
todos, e, na eventualidade de um pequeno deslize, é grande
c o ultraje que recolhe, pois desperta inveja vangloriar-se
alguém de conhecer semelhante disciplina. Assim, a menos
que essa pessoa sobressaia entre todos por sua coragem, não
poderá evitar de cair em ridículo, no caso de dizer que pos-
sui tal habilidade. É isso o que eu penso, Lisímaco, acêrca
da determinação de estudar essa disciplina. Mas, como disse
no comêço, o que importa agora é reteres Sócrates e insisti-
res com êle para que também se manifeste a respeito do
assunto em discussão.

Lisímaco — É o que vou fazer, Sócrates, pois quer parecer-
d me que nossa consulta está necessitando de um árbitro. Se
êles não tivessem divergido, não haveria necessidade disso.
Agora, porém — como viste, Laquete e Nícias externaram
pontos de vista inteiramente opostos — precisarei também ou-
vir-te, para saber a qual dos dois vais dar o teu apoio.

IX

Sócrates — Como, Lisímaco! pretendes adotar a opinião que obtiver maior número de votos?

Lisímaco — Que mais posso fazer, Sócrates?

Sócrates — E tu, Melésias, farás a mesma coisa? Se estivés-
e semos deliberando sôbre a natureza do exercício que deve-
rias escolher para teu filho, seguirias a opinião dos que esti-
vessem em maioria, ou, de preferência, a de quem houvesse
aprendido com bons professôres essa disciplina e nela se
tivesse exercitado?

Melésias — A dêste, naturalmente, Sócrates.

Sócrates — Terias mais confiança nêle do que em nós quatro reunidos?

Melésias — Certamente.

Sócrates — Pela simples razão, quero crer, de que a decisão acertada não se apóia no número, porém no conhecimento.

Melésias — É isso mesmo.

Sócrates — Sendo assim, a primeira coisa a fazermos é pro-
185 a curar saber se algum de nós possui conhecimento especializado na matéria sôbre que vamos deliberar, ou se carece dêsse conhecimento. Havendo alguém nessas condições, devemos aceitar sua opinião, conquanto se trate de um único voto, e desprezar as restantes; caso contrário, procuremos conselho noutra parte. Ou, porventura, imaginais, tu e Lisímaco, que o assunto é de somenos importância, quando, de fato, está em jôgo o que de mais precioso possuís? Pois, de acôrdo com a boa ou má orientação dos filhos e a educação que êles receberem, será a casa paterna bem ou mal dirigida.

Melésias — É certo o que dizes.

Sócrates — Devemos, portanto, proceder a êsse respeito com o máximo cuidado.

Melésias — Sem dúvida.

b *Sócrates* — O que é preciso, então, fazer, como eu disse há pouco, para conhecermos qual de nós é o mais entendido nessa modalidade de exercício? Não será procurar quem aprendeu e praticou semelhante arte e teve os mais hábeis professôres?

Melésias — Parece-me que sim.

Sócrates — E antes disso, ainda, não nos esforçaremos por conhecer o que seja a coisa para que procuramos professôres?

Melésias — Como disseste?

X

Sócrates — Talvez dêste modo eu deixe mais claro o pensamento: quer parecer-me que desde o princípio não estamos de acôrdo sôbre o que vamos deliberar, quando per-
c guntamos qual de nós é entendido na matéria e teve, ou não teve, bons professôres dessa disciplina.

Nícias — Sócrates, o que estamos discutindo não é a questão da hoplomaquia, para sabermos se convém, ou não convém, ensiná-la aos rapazes?

Sócrates — Perfeitamente, Nícias. Porém quando alguém se interessa por determinado remédio para os olhos, se convém ou não convém ser aplicado, és de opinião que a consulta diz respeito ao remédio ou aos olhos?

Nícias — Aos olhos.

d *Sócrates* — E quando essa pessoa considera se deve ou não deve pôr um freio no cavalo, e em que circunstâncias, a consulta gira em tôrno do cavalo, não do freio.

Nícias — É certo.

Sócrates — Numa palavra: sempre que alguém delibera sôbre determinada coisa, com relação a outra, sua consulta diz respeito à coisa que é o objeto de estudo, não à que entra em relação com ela.

Nícias — Necessàriamente.

Sócrates — O que devemos, portanto, considerar é se o conselheiro a que recorremos é entendido no tratamento daquilo a respeito do que estabelecemos nossa investigação.

Nícias — Perfeitamente.

Sócrates — Devemos dizer, portanto, que presentemente
e temos em vista determinado conhecimento em que está em
causa a alma dos rapazes.

Nícias — Sim.

Sócrates — Logo, o que importa investigar é se algum de nós entende do tratamento de almas, se sabe cuidar delas como convém e se teve bons professôres dessa matéria.

Laquete — Como assim, Sócrates? Nunca viste pessoas que, sem terem tido professôres, em muitas coisas são mais hábeis do que outras que tiveram?

Sócrates — Sim, já vi, Laquete; tu, porém, nunca lhes
darias crédito, quando dissessem que eram competentes nesta
ou naquela arte, se, ao mesmo tempo, não pudessem apre-
sentar-te uma amostra bem convincente, mais de uma, até,
186 a de sua habilidade nesse setor.

Laquete — Nisso tens tôda a razão.

XI

Sócrates — Laquete e Nícias, uma vez que Lisímaco e
Melésias nos chamaram para aconselhá-los a respeito da edu-
cação dos filhos, empenhados, como se acham, em ilustrar-
lhes, tanto quanto possível, o espírito, ficamos na obrigação
de declinar o nome dos professôres que tivemos, no caso,
bem entendido, de estarmos em condições de nos manifes-
tarmos acêrca dêsse assunto, e de demonstrar-lhes, primeiro,
que êsses professôres eram competentes e que cuidaram da
b formação espiritual de muitos moços, e, depois, que também
se incumbiram de nossa formação. No caso, porém, de um
de nós confessar que não teve professor, precisará, então, enu-
merar suas próprias obras e apontar, entre os atenienses ou

estrangeiros, as pessoas, livres ou escravos, que aproveitaram
com seus ensinamentos e que isso mesmo declarem. Não nos
sendo possível fazer nenhuma dessas coisas, teremos de dizer-
lhes que procurem conselho noutra parte, pois de outro
modo poderemos prejudicar os filhos de nossos amigos, além
de nos tornarmos passivos das mais graves censuras de pes-
soas de nossas relações. No que me diz respeito, Lisímaco e
c Melésias, sou o primeiro a confessar que nunca freqüentei
professor dessa matéria, muito embora desde môço tivesse
muita vontade de aprendê-la. Porém sempre careci de re-
cursos para pagar honorários aos sofistas, os únicos que se
apresentavam como capazes de fazer de mim um homem
de bem e de valor, não me tendo sido possível até agora
descobrir por mim mesmo essa arte. Porém não será de admi-
rar que Nícias e Laquete a tenham descoberto e aprendido,
porque não sòmente dispuseram sempre de muito mais re-
cursos do que eu, o que lhes permitiria estudar com outras
pessoas, como também por serem mais velhos e, por isso
d mesmo, já terem tido tempo de descobri-la. Ambos me pare-
cem capazes de ensinar essa disciplina, pois não se teriam
manifestado com tanta decisão a respeito de exercícios van-
tajosos ou prejudiciais aos moços, se não tivessem confiança
em seus próprios conhecimentos. Em tudo o mais eu creio
nêles; só me admira estarem em desacôrdo neste particular.
Essa a razão, Lisímaco, de pedir-te, por meu turno, como
Laquete fêz há pouco a meu respeito, ao te exortar não me
deixares partir e me fazeres falar: não permitas — por minha
vez te peço — se retire nem Laquete nem Nícias sem lhes
e fazeres perguntas, e dize-lhes que Sócrates declarou nada en-
tender dêsse assunto, não se encontrando, por isso, em con-
dições de decidir qual dêles dois está com a razão, pois nunca
teve professor, nem nunca descobriu essa arte por esfôrço
próprio. Porém cada um de vós por sua vez, Nícias e Laquete,
irá dizer qual foi o professor de maior merecimento que já
encontrou com respeito à educação dos moços, e se apren-
deu com alguém o que sabeis, ou se o descobriu por esfôrço
187 a próprio? E no caso de haverdes aprendido, quais foram os
vossos respectivos professôres e quem mais em nosso meio
se dedica a essa profissão, porque, se os negócios da cidade
não vos permitirem folga, nós mesmos nos dirigiremos a
êles, e, ou à fôrça de argumentos, ou à custa de presentes,
ou por ambos os meios, os convenceremos a tomarem conta
de nossos filhos e dos vossos, para que êles não venham a
envergonhar os avós com sua falta de educação. Porém, no
caso de haverdes descoberto essa disciplina por esfôrço pró-
prio, apresentai-nos provas de vossa competência, indicando-

nos as pessoas que, sob vossa orientação, de inferiores que
b eram se tornaram notórias e virtuosas. Mas, se fordes come-
çar agora a ensinar, deveis refletir que não estais fazendo
a experiência com nenhum Cário, mas com vossos próprios
filhos e com os filhos de vossos amigos, para não virdes a
confirmar o provérbio que nos fala do aprendiz de oleiro
que quis principiar pela jarra. Dizei-nos, pois, o que estais
e o que não estais em condições de fazer. Pergunta-lhes tudo
isso, Lisímaco, e não permitas que os homens se retirem.

XII

Lisímaco — A meu ver, senhores, Sócrates falou com muito
c senso. Compete-vos agora, Nícias e Laquete, decidir se estais
dispostos a ser interrogados e a vos manifestar sôbre essas
questões. É fora de dúvida que eu e Melésias vos ficaremos
muito agradecidos, se quiserdes dizer-nos o que pensais a
respeito de tudo o que Sócrates perguntou, pois iniciei há
pouco o meu pedido declarando que só vos havíamos convo-
cado para esta deliberação por acreditarmos que devíeis
estar familiarizados com semelhante assunto, além de outras
d razões, porque vossos filhos devem regular na idade com os
nossos. Se não tendes nenhuma objeção a apresentar, decla-
rai-o logo e examinai a questão na companhia de Sócrates,
ouvindo cada um os argumentos dos outros dois e dando o
seu parecer, pois, como êle disse muito bem, trata-se de deli-
berar sôbre assunto de suma gravidade para todos nós. Vêde
agora se podeis anuir ao que vos pedimos.

Nícias — Pelo que vejo, Lisímaco, o que conheces de Sócra-
tes vem apenas do pai dêle, sem que nunca tivesses com êle
mesmo convivência mais estreita, tirante, possìvelmente, na
e sua meninice, quando o poderias ter visto em companhia
do pai, quer fôsse isso no templo, quer nas assembléias distri-
tais. Mas é evidente que depois que se tornou homem feito
nunca mais o encontraste.

Lisímaco — Como assim, Nícias?

XIII

Nícias — Pois pareces ignorar que quem se aproxima de Sócrates para conversar com êle, à maneira de mulheres que confabulam, muito embora se trate no comêço de assunto diferente, de tal modo êle o arrasta na conversa, que o obriga a prestar-lhe contas de si próprio, de que modo vive e que

188 a vida levou no passado. Uma vez chegados a êsse ponto, não
o solta Sócrates sem o ter examinado a fundo. Eu já estou
acostumado com a maneira dêle e sei que todos temos de
passar por isso. Sendo assim, Lisímaco, de muito bom grado
conversarei com êle; não vejo nenhum mal em sermos lem-
brados de algum tôrto que tivéssemos feito ou que esteja-
b mos a fazer; quem não se furta a êsse exame, passará neces-
sàriamente a tomar mais cuidado consigo mesmo, de acôrdo,
nesse particular, com Solão, quando disse que devemos apren-
der durante tôda a vida, por ser de opinião que a sabedoria
vem com a velhice. Para mim não é nem insueto nem desa-
gradável ser examinado por Sócrates; em verdade, desde o
comêço eu sabia que, estando Sócrates presente, a conver-
sação não iria girar em tôrno dos rapazes, mas de nós mes-
c mos. Mas, como disse, de meu lado nada impede conversar-
mos com Sócrates da maneira que êle quiser. Pergunta a
Laquete qual é o seu pensamento a êsse respeito.

XIV

Laquete — O que eu penso, Nícias, a êsse respeito é muito
simples, ou, se o preferires, não é simples, é dúplice. Algumas
pessoas poderão achar que eu sou amigo de discursos, e outras,
d que sou inimigo dêles. Quando ouço alguém discorrer sôbre
a virtude ou sôbre qualquer outra modalidade de sabedoria,
algum homem de verdade e à altura do seu tema, alegro-me
sobremodo e me comprazo em comparar o orador com suas
palavras, e em verificar como ambos se combinam e comple-
tam. Considero o indivíduo nessas condições um músico
afinado em harmonia mais perfeita do que a da lira ou de
qualquer outro instrumento frívolo: a harmonia da sua pró-
pria vida, estando sempre em consonância suas palavras com
seus atos, harmonia dórica, não jônica, quero crer, nem mes-
mo frígia, nem lídia, mas a única verdadeiramente helênica.
Um indivíduo nessas condições me deleita sobremodo, mal co-
e mece a falar, não havendo quem, então, não me considere ami-
go de discursos, tal é a atenção com que ouço o que êle diz.
Quem procede de modo contrário, ofende-me os ouvidos, e em
tanto maior grau quanto melhor se me afigura o seu falar, do
que resulta parecer que me horrorizam discursos. Das pala-
vras de Sócrates não tenho nenhuma experiência, porém há
muito conheço suas ações, que o revelam como capaz de
189 a exprimir-se com elegância e franqueza. Se houver em sua
pessoa, de fato, essa concordância, declaro-me disposto a dia-
logar com êle, deixando-me de muito bom grado examinar,

sem me sentir envergonhado de aprender. Neste ponto estou
de pleno acôrdo com Solão, apenas com um pequeno acrés-
cimo: sim, desejo envelhecer aprendendo, porém sòmente
com os bons. Imponho essa condição: o professor precisa
ser homem de bem, para não parecer que eu sou aluno indó-
cil ou que aprendo sem vontade. O fato de ser mais môço
o professor, ou de ainda não haver alcançado fama, ou qual-
b quer outra particularidade dêsse tipo, é coisa com que não
me preocupo. Por isso, comunico-te, Sócrates, que podes
ensinar-me ou refutar-me como entenderes, ou aprender
comigo o que eu souber. São êsses os meus sentimentos a teu
respeito, desde o dia em que corremos juntos os mesmos peri-
gos e tu deste prova do teu valor, como só poderia fazê-lo
um homem cujo merecimento o tempo viria a confirmar.
Fala, portanto, o que quiseres, sem te preocupares com a dife-
rença de idade que há entre nós.

XV

c *Sócrates* — Pelo que vejo, não posso queixar-me de que
não tendes vontade de vos aconselhardes comigo e de inves-
tigarmos junto.

Lisímaso — Mas êsse assunto, Sócrates, diz respeito a nós
todos, pois eu te considero um dos nossos. Investiga, por-
tanto, no meu lugar o que para o bem dos rapazes precisa-
mos debater com Nícias e Laquete, e delibera com êles como
melhor a todos parecer. Devido à idade, esqueço o que que-
ria perguntar ou as perguntas que me fazem, principalmente
quando de permeio surgem novas questões. Debatei, por-
d tanto, apenas vós o assunto apresentado, que eu me limita-
rei a escutar; depois de ouvir-vos, eu e Melésias poremos em
prática o que tiverdes decidido.

Sócrates — Nícias e Laquete, precisamos obedecer a Lisí-
maco e Melésias. Talvez não houvesse mal nenhum em vol-
tarmos a investigar o que há pouco nos propusemos, a saber:
quais os professôres que tivemos nessa disciplina, ou quem
nós já deixamos melhor com nossos ensinamentos. Porém
e quer parecer-me que êste outro método nos conduzirá ao
mesmo ponto, por apanhar desde o início o problema de
perspectiva mais adequada. Sempre que conhecemos alguma
coisa que deixa melhor outra a que é adicionada, e nos en-
contramos em condições de adicioná-la àquela, é fora de dú-
vida que conhecemos também como pode ser obtido pela
maneira melhor e mais fácil aquilo sôbre que procuramos
aconselhar-nos. É possível que não tenhais apanhado de

pronto o meu pensamento, mas do seguinte modo o fareis
190 a sem dificuldade. Se soubéssemos que a vista, comunicada aos olhos, deixa melhores os que a recebem, e estivéssemos em condições de comunicá-la aos olhos, é evidente que saberíamos o que vem a ser a vista, e também que poderíamos aconselhar a maneira melhor e mais cômoda de adquiri-la. Porém se nem isso soubermos, o que seja a vista, ou o que seja o ouvido, mui dificilmente poderemos ser bons conse-
b lheiros ou médicos para os olhos ou para os ouvidos, nem poderemos ensinar a alguém a melhor maneira de adquirir a vista ou o ouvido.

Laquete — É certo o que dizes, Sócrates.

XVI

Sócrates — Êstes dois amigos nossos, Laquete, não nos chamaram para deliberar com êles de que maneira poderá ser comunicada virtude à alma de seus filhos, a fim de deixá-la melhor?

Laquete — Perfeitamente.

Sócrates — E para isso não será preciso conhecermos, de início, a virtude? Pois, se ignorarmos de todo o que seja virtude, de que modo poderemos aconselhar alguém sôbre
c a melhor maneira de adquiri-la?

Laquete — De nenhum modo, me parece, Sócrates.

Sócrates — Admitimos, então, Laquete, que sabemos o que seja virtude?

Laquete — Admitimos, sem dúvida.

Sócrates — E o que sabemos, somos também capazes de exprimir?

Laquete — Como não?

Sócrates — Não nos abalancemos, amigo, a procurar saber o que seja tôda a virtude; seria um trabalho ingente. De início, investiguemos apenas uma pequena parte, para sabermos se estamos em condições de dizer o que ela seja; é de supor
d que dêsse modo a investigação se nos torne mais fácil.

Laquete — Sim, façamos assim mesmo, Sócrates, como o desejas.

Sócrates — Que parte, então, escolheremos da virtude? Terá de ser, evidentemente, aquela a que tende à disciplina da hoplomaquia, e que todo o mundo pensa ser a coragem, não é assim?

Laquete — É o que todos pensam, realmente.

Sócrates — Comecemos, portanto, Laquete, por determinar
e o que é coragem; de seguida, passaremos a considerar de que
maneira ela pode ser comunicada aos moços e até onde êstes
conseguirão adquiri-la por meio do estudo e do exercício.
Começa, portanto, como disse, por explicar-nos o que seja a
coragem.

XVII

Laquete — Isso, Sócrates, por Zeus, não é difícil de explicar. Como sabes, homem de coragem é o que se decide a não abandonar seu pôsto no campo de batalha, a fazer face ao inimigo e a não fugir.

Sócrates — Muito bem, Laquete; mas talvez eu não me tenha exprimido com muita clareza, pois não respondeste ao que eu tinha intenção de perguntar, porém outra coisa.

Laquete — Como assim, Sócrates?

191 a *Sócrates* — Vou explicar-te, se me fôr possível. Conforme
disseste, o indivíduo corajoso é o que se mantém no seu
pôsto e luta com o inimigo?

Laquete — Foi o que eu disse, de fato.

Sócrates — É também o que eu penso. Mas que diríamos ao indivíduo que, sem ficar no seu pôsto, se bate com o inimigo, fugindo?

Laquete — Como! Fugindo?

Sócrates — Como dos citas se relata, que não combatem
b menos quando fogem do inimigo do que quando os perse-
guem. Homero, também, elogia algures os cavalos de Enéias,
que tão rápidos correm, diz êle, quer quando cumpre fugir,
quer no encalço do inimigo ligeiro. Sim, o próprio Enéias êle
o exalta sob êste aspecto, como entendido em fuga, e lhe
chama suscitador poderoso do mêdo.

Laquete — E com tôda a razão, Sócrates, pois referia-se a carros de combate, tal como o fizeste a respeito da cavalaria cita; pois é assim, de fato, que os cavaleiros citas combatem, enquanto a infantaria helênica o faz da maneira que eu disse.

Sócrates — Com exceção, talvez, dos lacedemônios, Laquete.
c Conta-se dos lacedemônios que em Platéia, quando se defron-
taram com a barreira formada pelas tropas de escudo, não
permaneceram em seus postos para lutar, mas puseram-se
em fuga; porém, depois que as fileiras dos persas se desman-
charam, voltaram-se para êles, à maneira da cavalaria de
combate, e ganharam a batalha.

Laquete — Tens razão.

XVIII

Sócrates — Foi por isso que eu disse há pouco que era
minha a culpa de não me haveres respondido certo, por eu
d não ter sabido formular a pergunta. Porque não queria que
me dissesses apenas quem é corajoso na infantaria, mas também na cavalaria e em tudo o que fôr pertinente à guerra,
e não apenas na guerra, como também nos perigos do mar,
quem revela coragem nas doenças, na pobreza, nos negócios
públicos; mais, ainda: quem é corajoso não sòmente com
relação à dor e ao mêdo, mas também forte contra os apeti-
e tes e os prazeres, assim quando os enfrenta como quando
foge dêles. Há também, Laquete, quem revela coragem nessas situações.

Laquete — Muita coragem, até, Sócrates.

Sócrates — Tôdas essas pessoas são corajosas; umas, porém, revelam coragem nos prazeres; outras, nas tristezas; outras, ainda, nos apetites, e alguns mais nas situações de incutir mêdo. Mas há, também, quero crer, quem se mostra cobarde em condições idênticas.

Laquete — Perfeitamente.

Sócrates — Que é, portanto, coragem, e que é cobardia? Foi isso o que perguntei. Experimenta explicar primeiro o que seja coragem, a qualidade que é sempre a mesma em tôdas essas situações. Ainda não apanhaste o meu pensamento?

Laquete — Não muito bem.

XIX

192 a *Sócrates* — É como se eu te perguntasse o que é velocidade,
que se manifesta tanto quando corremos, como quando tocamos cítara, e também na fala, no estudo e em muitas outras
coisas mais, ou melhor, que possuímos em tôdas as ações
dignas de menção, das mãos, dos pés, da bôca, da voz, do
entendimento. Não pensas dessa maneira?

Laquete — Perfeitamente.

Sócrates — Se alguém me perguntasse: Sócrates, que pensas que seja essa qualidade comum, a que em tôdas essas
b coisas dás o nome de velocidade? decerto respondera que
dou o nome de velocidade à fôrça que realiza muito em pouco tempo, tanto no discurso e na carreira, como em tudo o
mais.

Laquete — Resposta muito acertada.

Sócrates — Experimenta, também, Laquete, definir por maneira idêntica o que seja coragem, que fôrça constante vem a ser ela, tanto nos prazeres como na tristeza e em todos os casos a que há pouco nos referimos, e que, sendo sempre a mesma, recebe o nome de coragem.

Laquete — Se tivesse de referir-me à coragem presente a tôdas essas situações, diria que é uma espécie de perseverança da alma.

c *Sócrates* — É o que devemos fazer, de fato, quando tivermos de responder a essa pergunta. No entanto, eu penso que nem tôda perseverança, ao parecer, se te afigura coragem. Infiro isso do seguinte: tenho certeza, Laquete, de que incluis a coragem entre as coisas excelentes.

Laquete — Entre as primorosas, podes ficar certo disso.

Sócrates — Assim, a perseverança da alma, quando unida à razão é bela e boa?

Laquete — Perfeitamente.

d *Sócrates* — E quando unida à irreflexão, não será o contrário disso, funesta e perniciosa?

Laquete — Sim.

Sócrates — E afirmarias que é excelente o que é funesto e pernicioso?

Laquete — Não fôra justo, Sócrates.

Sócrates — Não admitirias, portanto, que fôsse coragem essa modalidade de perseverança, por não ser excelente, o que a coragem é, sem dúvida.

Laquete — Tens razão.

Sócrates — Logo, segundo o teu modo de pensar, coragem é a perseverança unida à razão?

Laquete — Assim parece.

XX

e *Sócrates* — Vejamos, então, quando ela está unida à razão: apenas em alguns casos, ou em todos, tanto nas coisas grandes como nas pequenas? Por exemplo: se alguém persevera em gastar com parcimônia o seu dinheiro, sabendo que com êsses gastos acabará ganhando mais, dás a isso o nome de coragem?

Laquete — Eu não, por Zeus!

Sócrates — Ou então, no caso de um médico a quem peça o filho, ou qualquer enfêrmo com pneumonia, que lhe dê

de beber ou de comer, e que não se deixe dobrar ante a
193 a insistência, mas persista na recusa: coragem é isso?

Laquete — Está mais longe, ainda, de ser coragem.

Sócrates — E na guerra, o indivíduo persistente, que se dispõe a lutar depois de calcular prudentemente, por saber que não sòmente receberá ajuda dos companheiros, como terá de haver-se com inimigos inferiores e em menor número do que os que combatem ao seu lado, além de contar com a superioridade do terreno: um indivíduo nessas condições, que persistisse após tanta reflexão e tantos recursos, seria por ti considerado mais valente do que o antagonista das fileiras inimigas, que se decidisse a permanecer no seu pôsto de combate?

b *Laquete* — A meu ver, Sócrates, o das fileiras inimigas é mais bravo.

Sócrates — Mas a sua perseverança é bem mais imprudente do que a do seu contrário.

Laquete — Tens razão.

Sócrates — E o cavaleiro conhecedor da arte de bem cavalgar, que num combate de cavalaria se mostre persistente, não considerarias menos corajoso do que o que carecesse dêsse conhecimento?

Laquete — É o que eu penso, também.

c *Sócrates* — E o mesmo dirás do archeiro, do lutador de funda, ou de qualquer outro, cuja persistência decorra de seus conhecimentos da matéria?

Laquete — Perfeitamente.

Sócrates — E o indivíduo que se joga num poço sem ser forte na profissão de mergulhador e persiste em mergulhar, ou a arrostar qualquer perigo idêntico, não consideras mais corajoso do que o perito nessa matéria?

Laquete — Quem poderia sustentar o contrário, Sócrates?

Sócrates — Ninguém, se pensar dessa maneira.

Laquete — Pois é assim que eu penso.

Sócrates — No entanto, Laquete, todos êsses que se lançam dêsse modo nos perigos e nêles persistem, são bem mais imprudentes do que os que o fazem com o conhecimento das respectivas artes.

Laquete — É muito certo.

d *Sócrates* — Mas a persistência e a audácia insensata já se nos revelaram como vergonhosas e prejudiciais.

Laquete — Perfeitamente.

Sócrates — E concordamos também que a coragem é algo belo.

Laquete — Concordamos, realmente.

Sócrates — Agora, porém, afirmamos outra vez que a persistência vergonhosa e insensata é coragem.

Laquete — Foi, de fato, o que fizemos.

Sócrates — E és de parecer que falamos com acêrto?

Laquete — Eu não, Sócrates, por Zeus!

XXI

Sócrates — Nesse caso, de acôrdo com tua própria confis-
e são, não estamos, eu e tu, Laquete, em consonância com a harmonia dórica; nossas ações não acordam com nossas palavras. A julgar-nos por nossas ações, ao que parece, qualquer pessoa concluiria que participamos da coragem, mas o contrário disso, quero crer, pelas palavras, se nos ouvisse conversar.

Laquete — É muito certo o que dizes.

Sócrates — E consideras elogiável nossa situação?

Laquete — De forma alguma.

Sócrates — E não queres que nos atenhamos até certo ponto à conclusão que assentamos antes?

Laquete — Até que ponto, e a que conclusão?

194 a *Sócrates* — À que nos manda persistir. Caso queiras, prossigamos em nossa investigação com persistência, para que a coragem não se ria de nós, por não a procurarmos com coragem, pois pode muito bem acontecer que coragem seja, de fato, persistência.

Laquete — Por minha parte, Sócrates, estou disposto a não desistir, apesar de pouco afeito a essa ordem de pesquisas. Mas uma certa irritação se apodera de mim ante o que
b conversamos, e me sinto verdadeiramente contrariado por ser incapaz de encontrar a expressão adequada à idéia. Em pensamento, imagino saber o que seja coragem; mas não posso compreender como ela me escapa, de forma que não consigo apanhá-la no discurso e dizer o que ela seja.

Sócrates — Mas não é verdade, amigo, que o bom caçador deve acompanhar o rasto e nunca desistir?

Laquete — Perfeitamente.

Sócrates — E não concordarás, então, em chamarmos Nícias para tomar parte na caçada? Quem sabe se êle é mais habilidoso do que nós?

c *Laquete* — Chamemo-lo, por que não?

XXII

Sócrates — Então adianta-te, Nícias, em auxílio de teus amigos que se perderam no mar bravo de uma discussão, caso possas trazer-lhes algum recurso. Como estás vendo, os

nossos já se esgotaram. Declara o que, a teu ver, é a coragem, não só para livrar-nos desta situação embaraçosa, como para dar mais fôrça à tua maneira de pensar.

Nícias — Há muito vem me parecendo, Sócrates, que ambos vós não definis com acêrto o que seja coragem. Por que não empregais agora o princípio que tantas vêzes já ouvi de ti?

Sócrates — Qual é, Nícias?

d *Nícias* — Muitas vêzes já te ouvi dizer que todos nós somos bons naquilo que sabemos, e maus no que não sabemos.

Sócrates — Por Zeus, Nícias; é muito certo o que dizes.

Nícias — Logo, se o indivíduo corajoso é bom, será também sábio.

Sócrates — Ouviste, Laquete?

Laquete — Ouvi; porém não compreendo muito bem o que êle quer dizer com isso.

Sócrates — Pois eu penso que compreendo; o que o homem quer dizer é que a coragem é uma espécie de sabedoria.

Laquete — Que espécie de sabedoria, Sócrates?

e *Sócrates* — Por que não lhe perguntas diretamente?

Laquete — É o que estou fazendo.

Sócrates — Vamos, Nícias; explica-lhe que espécie de sabedoria é a coragem, segundo a tua maneira de pensar. Será a do auleta?

Nícias — De forma alguma.

Sócrates — Ou a do tocador de lira?

Nícias — Também não.

Sócrates — Então, que conhecimento é êsse, e conhecimento de quê?

Laquete — Foi muito bem formulada, Sócrates, a pergunta; êle que explique de que conhecimento se trata.

Nícias — Digo, Laquete, que é o conhecimento do que
195 a inspira mêdo ou confiança, tanto na guerra como em tudo
o mais.

Laquete — Que coisas absurdas, Sócrates, êle profere!

Sócrates — Por que pensas dessa maneira, Laquete?

Laquete — Por quê? Porque coragem é uma coisa, e conhecimento é outra.

Sócrates — Mas não foi isso que Nícias disse.

Laquete — Não, por Zeus; por isso mesmo é que êle fala sem nexo.

Sócrates — Então, em vez de ofendê-lo, procuremos instruí-lo.

Nícias — Êle não me ofende, Sócrates; porém tenho a impressão de que o desejo de Laquete é mostrar que o que eu
b digo não contém substância, tal como se dá com suas pro-
posições.

XXIII

Laquete — Perfeitamente, Nícias; e vou tentar demonstrar-te isso mesmo. Falas sem nexo. Para não irmos mais longe: os médicos não conhecem o perigo das doenças? Ou achas que só os corajosos o conhecem? E dirás, por isso, que os médicos são corajosos?

Nícias — De forma alguma.

Laquete — Nem os lavradores, quero crer, os quais, sem dúvida alguma, conhecem os perigos inerentes aos trabalhos do campo, o mesmo acontecendo com todos os artífices, que conhecem perfeitamente o que é de temer e o que é de con-
c fiar nas respectivas profissões, e que nem por isso são corajosos.

Sócrates — Que tal achas, Nícias, a proposição de Laquete? Parece que êle disse alguma coisa.

Nícias — Sim, disse alguma coisa, mas o que êle afirmou não está certo.

Sócrates — Como assim?

Nícias — Por imaginar que os médicos sabem mais em relação aos doentes do que dizer-lhes o que lhes é saudável ou prejudicial, quando a verdade é que o conhecimento dêles só vai até aí. Acreditas, Laquete, que os médicos podem saber se para qualquer pessoa a saúde é mais de temer do que a doença? Não conheces casos de doentes, aos quais fôra preferível não convalescerem, a virem a sarar? Vamos, manifesta-
d te sem rodeios: és de opinião que, para todo o mundo, é melhor viver, e que em muitos casos não fôra preferível morrer?

Laquete — Acho que há casos assim, pois não.

Nícias — E para quem a morte é preferível, acreditas que ela seja mais de temer do que para os que lucram em continuar vivendo?

Laquete — Acho que não.

Nícias — E atribuis êsse conhecimento aos médicos ou a qualquer outro profissional, ou apenas ao que tem conhecimento do que é de temer ou de confiar, e a quem eu dou, justamente, o nome de corajoso?

Sócrates — Apanhaste bem, Laquete, o pensamento dêle?

e *Laquete* — Sim; êle diz que os adivinhos é que são corajosos. Quem mais poderá saber se será melhor morrer ou continuar vivo? E tu, Nícias, que afirmas de ti mesmo: que és adivinho, ou que nem és adivinho, nem corajoso?

Nícias — Como assim? Acreditas que é próprio do adivinho o conhecimento do que é de temer e do que é de confiar?

Laquete — Sem dúvida. De quem mais, senão dêle?

XXIV

Nícias — Muito mais daquele a que eu me refiro, meu caro. Porque o adivinho só reconhece os sinais das coisas que devem acontecer, quer seja morte iminente para alguém,
196 a quer seja perda de bens, vitória ou derrota na guerra ou em qualquer outra competição. Porém saber se é melhor para alguém passar por isso ou não passar, por que compete mais a um adivinho do que a qualquer outra pessoa?

Laquete — Com franqueza, Sócrates, não compreendo o que êle quer dizer. Não considera corajoso nem o adivinho nem o médico, nem qualquer outro profissional, a menos que êle queira declarar que só um deus é que poderá sê-lo.
b O que me parece é que Nícias não quer confessar honestamente que não tem o que dizer, e não pára de virar-se de um lado para o outro, com o fito de mascarar a sua perplexidade. A mesma coisa nós também, eu e tu, poderíamos ter feito há pouco, se não quiséssemos deixar perceber que havíamos caído em contradição. Se nós estivéssemos no tribunal, talvez se justificasse a sua atitude; mas numa reunião como esta, de que adianta enfeitar-se alguém inùtilmente com discursos vazios?

c *Sócrates* — Creio também que não adianta nada, Laquete. Porém vejamos se Nícias não está convencido de que disse alguma coisa, ou se fala apenas por falar. Peçamos-lhe que nos esclareça a sua maneira de pensar; se nos parecer que sua proposição está certa, concordaremos com êle; caso contrário, cuidemos de instruí-lo.

Laquete — Caso estejas disposto, Sócrates, a continuar a interrogá-lo, continua; eu acho que já o interroguei o suficiente.

Sócrates — Nada me impede fazê-lo; assim, vou interrogá-lo por mim e por ti.

Laquete — Como quiseres.

XXV

Sócrates — Dize-me uma coisa, Nícias, ou melhor, dize-nos, porque esta pergunta é tanto minha como de Laquete:
d és de opinião que a coragem é o conhecimento do que é de temer e do que não é?

Nícias — Foi o que eu disse.

Sócrates — Não é dado a todo o mundo saber isso; e, uma vez que nem o médico nem o adivinho o sabem, só poderão

ser corajosos depois da aquisição dêsse conhecimento. Foi isso o que disseste?

Nícias — Isso mesmo.

Sócrates — Então, segundo o provérbio: não sendo coisa que qualquer porco conheça, não haverá porco corajoso.

Nícias — Penso que não.

e *Sócrates* — É evidente, Nícias, que não admites pudesse ter sido corajoso nem mesmo o javali de Crômio. Não digo isso como pilhéria, pois estou convencido de que quem afirma tal coisa, necessàriamente terá de negar que os animais sejam corajosos, salvo se aceitarem que alguns podem alcançar determinada sabedoria que raros homens chegam a compreender, em virtude de sua dificuldade, mas que um leão, um leopardo, ou qualquer javali possam adquirir; porém tanto o leão como o veado, o macaco e o touro serão, por natureza, igualmente corajosos para quem define a coragem como o fizeste.

197 a *Laquete* — Muito bem, Sócrates, pelos deuses! Responde-me sèriamente, Nícias, se admites mesmo que sejam mais sábios do que nós os animais que, no consenso geral, são tidos como corajosos, ou terás, porventura, o ousio de ir de encontro à opinião estabelecida, negando-lhes coragem?

Nícias — Em verdade, Laquete, jamais qualificarei de corajoso nenhum animal, ou o que quer que seja, que apenas por ignorância não revele mêdo; será temerário e fátuo.
b Ou queres que chame também as crianças de corajosas, que, por ignorância, não têm mêdo de nada? No meu modo de ver, são coisas diferentes ser corajoso e não ter mêdo. A meu ver, a coragem aliada à prudência é apanágio de muito poucas pessoas; ao passo que não têm número as que revelam temeridade e audácia, de par com ausência de mêdo, isso tanto entre homens, mulheres e crianças, como entre os animais. O que, com a maioria das pessoas, denominas coragem,
c eu chamo temeridade; à coragem prudente é que me refiro.

XXVI

Laquete — Estás vendo, Sócrates, como êle se enfeita com suas próprias palavras? Tenta negar merecimento às pessoas tidas por todo o mundo como corajosas.

Nícias — Não é assim, Laquete; tranqüiliza-te. Estou pronto a considerar-te sábio, tu e Lâmaco, pois que sois corajosos, como também muitos outros atenienses.

Laquete — Nada responderei a isso, embora tivesse o que dizer, para que não me qualifiques de exonense típico.

d *Sócrates* — Não lhe repliques, Laquete; tenho a impressão de que ainda não percebeste que a sabedoria dêle vem de nosso amigo Damão; ora, Damão é assíduo freqüentador de Pródico, que passa por ser o sofista mais hábil em precisar o significado das palavras.

Laquete — Perfeitamente, Sócrates; ocupar-se com essas sutilezas fica muito melhor num sofista do que num homem considerado pela cidade como capaz de dirigi-la.

Sócrates — Mas vai bem, meu caro, em quem ocupa altos cargos, uma grande sabedoria. Sou de opinião que merece exame mais acurado o sentido que Nícias empresta à expressão coragem.

Laquete — Então examina-a tu mesmo, Sócrates.

e *Sócrates* — É o que me disponho a fazer, amigo. Mas não suponhas que vou dispensar tua colaboração; presta atenção e medita no que vou dizer-lhe.

Laquete — Assim farei, se achas que é preciso.

XXVII

Sócrates — Sim, acho. E agora, Nícias, voltemos ao comêço.
198 a Deves estar lembrado de que, no início de nossa argumentação, consideramos a coragem como uma parte de virtude.

Nícias — Perfeitamente.

Sócrates — Havendo tu respondido que se tratava de uma parte, admitiste, com isso, que há outras partes, a que, em conjunto, damos o nome de virtude.

Nícias — Por que não?

Sócrates — Então, a êsse respeito pensas exatamente como eu? O que eu digo é que, tão bem como a coragem, são partes da virtude a temperança, a justiça e muitas outras. Pensas do mesmo modo?

b *Nícias* — Perfeitamente.

Sócrates — Bem; até aí estamos de acôrdo. Consideremos, agora, as coisas que são para temer e as que o não são, para que não as interpretes de um modo, e eu, de maneira diferente. Vou expor-te nossa opinião; se discordares dela, procura corrigir-nos. Consideramos perigoso tudo o que inspira mêdo, e inofensivo, o que não inspira. Porém não são apenas os eventos presentes ou passados que incutem mêdo; os futuros também o fazem. Não concordas com isso, Laquete?

c *Laquete* — Inteiramente, Sócrates.

Sócrates — Aqui tens, Nícias, nosso modo de pensar: terríveis, para nós, são os males por vir; e inofensivos, os bons

eventos futuros, ou que, pelo menos, não sejam maus. Concordas com nossa proposição, ou diferes dela?

Nícias — Concordo.

Sócrates — E dás o nome de coragem ao conhecimento dessas coisas?

Nícias — Perfeitamente.

XXVIII

Sócrates — Passemos agora ao exame do terceiro ponto, para ver se também pensas como nós.

d *Nícias* — Qual será?

Sócrates — Vou dizer-te. Eu e êste aqui somos de opinião
que quando há ciência ou conhecimento de alguma coisa não
se trata de um conhecimento dos fatos que passaram, para sa-
ber como se passaram, nem de outro do que acontece, para
saber como acontece, nem de outro, ainda, sôbre a melhor
maneira por que poderá vir a realizar-se o que ainda não se
tornou realidade, porém de um único conhecimento. Por
exemplo, em todos os tempos não se ocupa outra ciência
com a saúde, senão tão-sòmente a medicina, que é uma única,
e que estuda o que se passou, o que está acontecendo e o
e que se dará, da maneira por que vai dar-se. O mesmo se veri-
fica com a agricultura, em relação com o que a terra produz.
No que entende com a guerra, vós mesmos podeis testemu-
nhar que a estratégia, entre outras coisas, se ocupa com a
previsão dos acontecimentos, e não se considera em situação
de receber ordens da arte do adivinho, mas de dirigi-la, por
saber melhor do que ela o que acontece ou pode acontecer
199 a na guerra. Por isso mesmo, a lei não coloca o general sob
as ordens do adivinho, mas o inverso, o adivinho sob as do
general. Podemos falar dessa maneira, Laquete?

Laquete — Podemos.

Sócrates — E tu, Nícias, estás de acôrdo conosco, que a respeito das mesmas coisas, é a mesma ciência que as conhece, quer sejam presentes, quer passadas, quer futuras?

Nícias — Estou, Sócrates, pois assim me parece que é realmente.

Sócrates — Nesse caso, meu caro, segundo o que disseste,
b coragem é conhecimento do que é de temer e do que é de
confiar, não é verdade?

Nícias — Certo.

Sócrates — Mas o que é de temer e o que é de confiar, conforme já admitimos, é o bem futuro, com relação a êste, ou o mal por vir, com relação àquele.

Nícias — Perfeitamente.

Sócrates — E, também, que a mesma ciência se ocupa com as mesmas coisas, tanto futuras, como de qualquer tempo?

Nícias — É assim, de fato.

Sócrates — Então, coragem não é apenas conhecimento do que é de temer e do que é de confiar, não diz respeito apenas aos bens e aos males futuros, mas também aos do pre-
c sente e aos que já se realizaram, ou como quer que se comportem, justamente como os demais conhecimentos.

Nícias — É o que parece.

XXIX

Sócrates — Em tua resposta, Nícias, deste-nos a definição de cêrca de um têrço da coragem, conquanto nossa pergunta se referisse a tôda a coragem, o que ela seja. Agora mesmo, ao que parece, pelo que disseste, coragem não é apenas o conhecimento do que é de temer e do que é de confiar, mas de todos os bens e todos os males em geral, de qualquer jeito que se comportem, conforme se deduz do teu discurso,
d na definição de coragem. Mudaste de opinião, ou pensas assim mesmo?

Nícias — Penso assim mesmo, Sócrates.

Sócrates — Ó varão felicíssimo! Acreditas que possa carecer de alguma parte da virtude quem conhecer todos os bens, sob qualquer modalidade que se apresentem, como se realizam, como se realizaram, e como poderão vir a realizar-se, e a mesma coisa com relação aos males? E achas que semelhante criatura ainda necessite de temperança, ou de justiça, ou de santidade, que é tudo o de que êle necessita para precaver-se tanto da parte dos deuses como da parte dos homens, contra o que é perigoso e o que não é, e para alcançar a
e maior soma de bens, visto saber como comportar-se com relação a todos êles?

Nícias — Há muita verdade, Sócrates, no que disseste.

Sócrates — Sendo assim, Nícias, de acôrdo com tua última proposição, a coragem não é uma parte de virtude, porém tôda a virtude.

Nícias — É o que parece.

Sócrates — Porém antes afirmamos que a coragem era apenas uma das partes da virtude.

Nícias — Afirmamos, realmente.

Sócrates — Porém nossa última conclusão é diferente.

Nícias — Parece que sim.

Sócrates — Nesse caso, Nícias, não descobrimos o que seja coragem.

Nícias — Não, realmente.

Laquete — No entanto, meu caro Nícias, eu estava certo
200 a de que a descobririas, pela maneira desdenhosa por que me trataste, quando eu respondia às perguntas de Sócrates. Tinha esperança de que com a sabedoria de Damão virias a descobri-la.

XXX

Nícias — Fazes bem, Laquete, em não te amofinares por te teres revelado inteiramente ignorante a respeito da coragem. Só o que te interessa é vir eu a estadear também a minha ignorância nesse ponto. Pelo que vejo, para ti carece de maior importância ignorarmos ambos, eu e tu, as coisas que qualquer pessoa de préstimo precisaria conhecer. A meu
b ver, procedes como todo o mundo, pois não te enxergas e só olhas para os outros. No que me diz respeito, creio ter-me expressado regularmente bem sôbre o assunto em discussão. E se, em algum ponto, minha explicação foi defeituosa, mais para diante poderei corrigi-la com o auxílio de Damão, que tu presumes ridicularizar, muito embora nunca tenhas visto Damão, ou com a ajuda de outras pessoas. E uma vez consolidada minha doutrina, ensinar-te-ei
c com a maior boa vontade o que souber, pois vejo que ainda precisas aprender muito.

Laquete — És sábio, Nícias; não obstante, aconselho Lisímaco, aqui presente, e Melésias a desistirem de pedir nossa opinião, a minha e a tua, no que respeita à educação dos filhos, e a não permitirem que Sócrates se retire, como eu disse no comêço. É o que eu faria, se meus filhos estivessem em idade disso.

Nícias — Neste ponto estou de inteiro acôrdo contigo; no caso de querer cuidar Sócrates da educação dos rapazes, não
d precisarão procurar outra pessoa. Se êle concordasse, eu mesmo lhe confiaria com todo o gôsto o meu Nicerato. Porém, sempre que lhe falo nisso, êle se esquiva e me indica outra pessoa. Experimenta, Lisímaco, se Sócrates atende com maior boa vontade ao teu pedido.

Lisímaco — É de esperar que atenda, Nícias, pois estou pronto a fazer por êle o que não faria por ninguém. Que dizes a isso, Sócrates? Aceitas o convite e declaras-te disposto a cooperar para o aperfeiçoamento dos rapazes?

XXXI

e *Sócrates* — Fôra muito mal feito da minha parte, Lisí-
maco, negar a minha colaboração para o aperfeiçoamento
de quem quer que seja. Se na conversação que mantivemos
neste momento eu me tivesse revelado competente, e care-
centes de conhecimento Nícias e Laquete, fôra justo esco-
lherdes-me, de preferência a outro qualquer, para levar a
cabo essa incumbência. Porém agora, todos nós nos encon-
tramos em igual dificuldade. Como poderá, então, um de
nós ser escolhido, de preferência aos outros? Quer parecer-me
201 a que nenhum deverá ser escolhido. Porém, uma vez que as
coisas chegaram a êste ponto, dizei-me como vos parece o
seguinte conselho: Sou de opinião, amigos — tudo isto deverá
ficar apenas entre nós — que nós quatro precisamos procurar,
cada um para si mesmo, com o maior empenho, o melhor
professor possível — é o de que mais necessitamos — e depois,
também, para os rapazes, sem olharmos despesas ou o que
quer que seja. O que não aconselho é ficarmos como esta-
b mos. E se alguém zombar de nós, por irmos à escola na idade
em que estamos, amparar-nos-emos na autoridade de Homero,
quando afirma que a vergonha é ruim companheira de
quem necessita. E sem concedermos a mínima atenção ao
que possam falar, cuidemos, a um tempo, com todo o empe-
nho, da nossa educação e da dos rapazes.

Lisímaco — O que dizes, Sócrates, me agrada; e como sou
o mais velho, quero ser também o mais interessado em apren-
c der juntamente com os rapazes. Porém atende ao meu pedi-
do: não deixes de ir amanhã cedo a minha casa, para pros-
seguirmos na consulta sôbre êste mesmo assunto. Por agora,
ponhamos ponto em nossa conversação.

Sócrates — Farei o que disseste, Lisímaco; amanhã cedo
irei a tua casa, se Deus quiser.